

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

I/D Informação Documentação (Portuguese)

ID and Anima Una

1-1-1978

1978 Vol. 15: Com Libermann No Coração da Nossa Vocação Espiritana

A Equipe Generalícia

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/id-po>

Repository Citation

A Equipe Generalícia. (1978). 1978 Vol. 15: Com Libermann No Coração da Nossa Vocação Espiritana. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/id-po/15>

This Article is brought to you for free and open access by the ID and Anima Una at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in I/D Informação Documentação (Portuguese) by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

com **libermann** no **coração** da **nossa vocação espiritana**

« os pobres e os abandonados »

CONGREGAZIONE DELLO SPIRITO SANTO - CLIVO DI CINNA, 195 - OO136 ROMA

ALGUNS JOVENS INTERROGAM-SE...

Dois acontecimentos nos interpelaram de modo particular no verão passado: o capítulo provincial dos Estados-Unidos /Este e o encontro dos jovens Espiritanos na Espanha. Em ambos os casos, como nos capítulos do ano findo, uma ideia-força foi constantemente reafirmada: a necessidade de regressar à inspiração das nossas origens, à intuição que brotou do coração de Libermann: "OS POBRES E OS ABANDONADOS. J ulguemos da afirmação pelos dois breves trechos seguintes:

"Alguns dos mais jovens Espiritanos perguntam-se se existem ainda hoje compromissos novos, necessidades urgentes, semelhantes às que os membros da Província encontraram outrora? Se já não haveria hoje, como no passado, um apelo igualmente grande à santidade, à caridade e ao sacrifício?"

Para responder a tais perguntas, temos de procurar primeiro discernir aquilo para que Deus nos chama e o modo como podemos responder às necessidades dos pobres e dos abandonados no mundo moderno. Algumas destas necessidades são um apelo a unirmo-nos. Com a fê de Abraão e no espírito dos que fundaram a nossa Província, deveríamos estar prontos a sair donde estamos e ir para a terra em que o Senhor nos quer, para novos amanhã, para novas orientações indicadas pelos sinais dos tempos e pelo apelo do Espírito Santo.

São novos hoje, são urgentes, os apelos dos pobres e dos abandonados. Muito mais do que no passado, convidam-nos a responder como Província, a unirmo-nos, a cooperar, a ver o que poderíamos fazer juntos para ajudar estas pessoas, quer nas nossas terras quer no estrangeiro. Todas estas novas orientações nos deveriam ser ditadas pelas necessidades destas pessoas tão desfavorecidas no plano económico, social e religioso".

("Para uma nova visão do futuro, CAP.PROV. DOS EST.-UNIDOS/ESTE, Junho de 1977")

"Sugerimos que cada Província e Distrito faça uma apreciação crítica de todas as suas obras, à luz do nosso carisma particular, e se desligue, logo que possível, de todas aquelas que não são verdadeiramente destinadas aos mais pobres simultaneamente no sentido material e espiritual. As obras que não correspondem ao nosso fim são como que um contra-testemunho do que a Congregação pretende ser"

(Encontro dos Jovens, ARANDA, Agosto de 1977)

Oxalá o Grupo de Estudos Espiritanos estude em profundidade o alcance desta intuição libermaniana, pois ela está no próprio coração da nossa vocação de Espiritanos. O rejuvenescimento da Congregação dependerá em grande parte da nossa capacidade de tomar nas mãos esta "juventude das nossas origens". Já neste momento, neste número consagrado ao nosso Venerável Padre*, pensamos que não será inútil fazer algumas considerações a este respeito.

PARA BEM CAPTAR A INTUIÇÃO PROFUNDA

DE LIBERMANN

Na origem da intuição de Libermann está a sua experiência de Deus. Uma experiência que ele viveu profundamente no seu coração, antes de a exprimir como projecto para a sua comunidade.

Não se começa por ser atraído por uma instituição ou por uma congregação: começa-se por amar uma Pessoa. A vocação, primeiramente, é isto : um encontro pessoal com Jesus Cristo. O amor à Congregação vem depois; é simplesmente a resposta a um outro amor mais profundo, que se desenvolveu muito antes. Só uma experiência pessoal de Cristo em nós e no mundo é que nos pode fazer amar a Congregação até ao ponto de colocarmos a nossa vida ao seu serviço. Sem esta experiência pessoal com o Senhor no mais íntimo do nosso ser, é impossível captar a intuição profunda de Libermann, pois, para ver o que ele viu e descobrir o que ele descobriu, temos de nos colocar no ângulo da sua experiência de fé.

Um carisma é também uma visão de fé, uma luz de Deus. O perigo é encontrar uma instituição já existente, sem se fazer a experiência do amor que a viu nascer. Entrar na Congregação deve ser primeiramente entrar no circuito de amor que a fez aparecer como congregação.

OS POBRES DE DEUS

OU O DEUS DOS POBRES

O coração da experiência espiritual de Libermann é o seu sentido profundo da transcendência de Deus : para ele Deus é tudo.

No noviciado de Rennes o Sr.Mangot declarava: "Sentia-se que era Deus, depois de se haver apoderado do seu servo, que falava pela sua boca...Nós considerávamo-lo como alguém que tinha o espírito de Deus no mais alto grau" (N.D.,I,531-533).

Talvez já tenhais lido, no recente livro de Mons.Gay¹, o diálogo entre o P.CARBON e LIBERMANN, quando o primeiro o convidou a deixar o Seminário de S.Sulpício devido à sua doença

- Querido filho, fiz-te sofrer,
- Não, Sr.P.Superior, de modo algum.
- O quê ? Explique-se então. Quais são as suas disposições?
- Sou feliz por não ter outros recursos senão Deus.

* Todos os anos I/D de Fevereiro é consagrado a Libermann. Pareceu-nos preferível fazê-lo em Janeiro, na esperança de que este número chegará aos destinatários, pelo menos à maior parte, antes do dia "2 de Fevereiro".(N.D.L.R.)

1- Libermann, juif selon l'Évangile, Mgr GAY, Beauchesne, 1977, p.78, (Parafraseando N.D., I, pp.159 e 596)

É nesta linha que Libermann se situa diante de Deus, nos momentos decisivos da sua existência: conversão à fé cristã, recepção do baptismo, doença, vocação missionária, redacção da regra, direcção das almas, directivas aos missionários. Tudo nele se apoia na mais profunda evidência da sua fé : Deus é tudo.

À luz deste pano de fundo é que se construiu a sua vida; é por isso que Libermann é lento nas suas decisões : precisa de consultar Deus e de falar com Ele; mas, uma vez convencido de que tal é "a vontade divina", não hesita mais. Homem bíblico, formado pela Escritura, Libermann é o homem que não pode caminhar senão na presença de Deus; senão, ele esperará. Esperará um sinal, mesmo que lhe seja necessário esperar pacientemente durante dez anos a sua cura, mesmo que tenha de viver seis meses na mansarda do Vicolo del Pinacolo, em Roma.

É também à luz deste pano de fundo que aparecem as características da sua doutrina: fidelidade a Deus, que é tudo, importância da acção do Espírito Santo. Todas as suas opções, os seus conselhos, os seus projectos nascerão desta atitude e, sem ela, é impossível compreender os seus escritos.

"Espero que, se Nosso Senhor continuar a conceder-me a graça que me tem concedido até hoje..., levarei uma vida perfeitamente pobre e unicamente empregada no seu serviço; então serei mais rico do que se possuísse o mundo inteiro e desafio quem quer que seja a encontrar um homem mais feliz do que eu...

O meu corpo, a minha alma, o meu ser e toda a minha existência pertencem a Deus e, se eu soubesse que havia em mim uma veiazinha que não fosse d'Ele, arrancá-la-ia e pisá-la-ia aos pés na lama e no pó. Que eu seja padre ou não, que seja milionário ou mendigo, tudo o que sou, tudo o que tenho, é de Deus e de mais ninguém" (L.S., I, 10).

SERVIR OS POBRES É, ANTES DE MAIS,
SERMOS NÓS PRÓPRIOS POBRES.

Pronto a seguir os menores sinais da vontade de Deus, Libermann não se instala seja no que for : nem no seu judaísmo, nem na segurança que o Seminário de Issy lhe oferece, nem na sua função de mestre de noviços em Rennes, nem na solidão que tanto apreciava em Roma.

"Deixei Rennes para sempre. Aos olhos dos que julgam as coisas como homens deste mundo, isto é uma grande imprudência, para não dizer loucura. Lá tinha um futuro certo... Já não tenho homem algum em que possa pôr a minha confiança... Não tenho nada, não sei o que virei a ser, como poderei viver e existir; levarei uma vida desprezível, esquecida, desprezada, segundo o mundo perdida. Serei desaprovado por muitos daqueles que antes me amavam e estimavam; serei talvez tratado como insensato, orgulhoso, serei desprezado, mesmo perseguido... (Mas) não tendes receio nem desconfiança; ficai sabendo que sou o homem mais feliz do mundo, porque não tenho senão Deus... Ele dar-me-á a sua força e o seu amor; é quanto me basta. Toda a minha esperança está em Jesus e Maria" (L.S., II, 300-302).

De situação para situação, sempre, Libermann liberta-se e parte de novo. Todavia, não lhe faltam pretextos para se manter aqui ou além, oferecendo a Deus os seus serviços em tal ou tal tarefa, que pode parecer-lhe mais indicada para a sua saúde e capacidades. Mas para ele o mais importante é estar sempre à disposição de Deus. Quando toma à sua conta um trabalho, nunca o faz de modo definitivo. Não se apegará nem a Bourbon, nem à Guiné, nem a Madagáscar; apegar-se-á apenas a Deus. Então este amor far-lhe-á descobrir e ouvir os mais pobres e os mais abandonados, onde quer que eles estejam.

FIDELIDADEÀ INTUIÇÃO ORIGINAL.

Desde a sua primeira função - a formação de padres - até à última - a evangelização dos Pretos - LIBERMANN viu a sua missão desenvolver-se segundo um critério constante : a preocupação pelas almas "desprezadas e abandonadas". Esta preocupação compreendeu-a sempre como um modo de evangelizar, de anunciar o Evangelho. Para ele, a sua Congregação, por este único motivo, era missionária. Um ano antes da sua morte escreveu:

"Evangelizar os pobres, eis o nosso fim geral. Todavia, as Missões são o principal objectivo que temos em vista, e ,nas Missões, escolhemos as almas mais miseráveis e mais abandonadas. A Divina Providência fez-nos a nossa obra para os Pretos seja da África, seja das Colônias; são, sem dúvida , até hoje, as populações mais miseráveis e mais abandonadas. Desejaríamos também trabalhar em França, na salvação das almas, mas tendo sempre por finalidade principal os pobres, sem contudo, abandonar os que não o são" (N.D., XIII, 170)

Esta missão fundamental não se confundirá com tal ou tal das suas localizações geográficas. Que ele trabalhe, segundo as indicações da Providência, pelas almas abandonadas de Bourbon, ou encare, sempre por instigação da mesma Providência, ir em auxílio dos mais pobres na Guiné, em Bordéus, na Alemanha, ou nas aldeias de França, ele não tem em vista senão uma coisa: realizar o que compreendeu ser a razão da sua existência e a da sua fundação: a preocupação pelos mais abandonados.

Certamente que, no interior do seu projecto de base, depressa algumas tarefas se tornaram prioritárias, tais como as missões longínquas. Ele mesmo o precisa, na Regra de 1840: "A missão que Nosso Senhor nos dá agora é a dos Pretos..."(1); mas não exclui a priori nenhuma forma de apostolado. Se LIBERMANN permite a alguns padres que se ocupem de um seminário cuja urgência as circunstâncias demonstram, não é de má vontade, para evitar males maiores, ou sob a pressão de projectos pessoais.

Para ele, nesses casos, trata-se, como nas missões longínquas, de um serviço aos mais desprezados.

Assim, nenhum território, nenhum projecto, monopolizava os seus esforços. O importante para ele era sentir que Deus lhe dava qualquer sinal mediante as diversas situações de abandono ou de urgência. Ele pensa em fundações e em obras praticamente em toda a parte !

OS POBRES QUE LIBERMANN AMAVA

Do conjunto de textos que ele nos deixou conclui-se que em LIBERMANN a expressão "almas abandonadas, pobres, desprezadas" inclui um duplo elemento : "pobreza, abandono, desamparo" espiritual, mas também material. Se um povo, pobre em bens materiais, vive cristamente, esse povo não entra no projecto da Congregação; do mesmo modo, se um povo, pobre em bens espirituais, tem contudo, uma vida material satisfatória, também ele não entra no fim específico da Congregação.

Concretamente, em LIBERMANN, os mais pobres, os mais abandonados, os mais desprezados, quais são ?

Certamente, em primeiro lugar, os tidos-em-nada no plano humano e religioso. Dos escravos e libertos escreveu ele um dia : "Estes homens, tão infelizes na ordem sobrenatural, são-no igualmente na ordem natural... São de tal modo desprezados pelos Brancos, que estes os tratam como animais. Não temos nenhuma classe de homens que seja tão maltratada e tão desprezada" (N.D., III, 77).

(1) Regra Provisória dos missionários de Libermann, textos e comentários, p.25, art.VII)

São-no também os desprezados pelos juízos que deles se fazem, "os que são olhados como gente de categoria inferior" (Regra Provisória), os que são "tratados como refugio da natureza" (N.D.,VI, 433)

São-no também os privados de esperança, "abandonados e desprezados por toda a gente..., os mais infelizes e mais desprezados... quanto à natureza e quanto à graça, relativamente a este mundo e ao outro, e isto sem esperança de socorro" (N.D.,VI, 85-86).

São-no enfim aqueles de que ninguém se ocupa, "os povos pobres, desprezados, cujas necessidades são grandíssimas e que são os mais negligenciados na Igreja de Deus"(Regra Provisória, p.24, art.V).

"Às portas da Europa, milhões de homens vivem na miséria da ignorância e da infelicidade, e ninguém pensa em fazê-los sair desse estado"(N.D.,VIII, 223).

"Nós não somos mais que farrapeiros da Igreja, pegamos naquilo que os outros não querem" (N.D.,VII, 292)

PARA ALÉM DA HISTÓRIA

UMA INTUIÇÃO PROFÉTICA

O carisma de um fundador situa-se muito mais no futuro do que no passado: trata-se de um projecto, de uma esperança, mais do que de uma lembrança. É por este dom profético que um fundador permanece vivo entre os seus filhos. Sem este projecto de futuro recebido dele, uma comunidade seria incapaz de interpretar o seu carisma próprio, pois teria perdido a força que a fazia andar. Sem esta esperança, seria mesmo incapaz de ler e de interpretar o seu passado: faltar-lhe-ia o impulso profético. Seria como se o Povo de Deus tivesse perdido a Promessa! Sendo assim, quanto mais o carisma de LIBERMANN se incarnar em nós, mais seremos capazes de dominar o futuro e maior será a nossa criatividade.

"O fundo das nossas obras na Europa seriam as classes mais pobres que, na França, têm grande necessidade de auxílio, tais como os marinheiros, os soldados, os operários em geral, uma classe ainda mais miserável, os condenados às galés, os presos, os mendigos... Estas obras não se opõem nem ao fim nem ao espírito expressos na Regra. É certo que nos começos não pensamos nelas, mas isso não é prova de que Deus as não tenha querido. Era impossível que então pensássemos nelas; Deus encaminhou-nos para a obra dos Pretos e, no entanto, já então sentimos a necessidade de generalizar mais, de tal modo que a Regra fala em geral de almas abandonadas e pobres" (N.D.,IX, 288-289).

Jamais poderemos ter outro critério de base que o de LIBERMANN: será sempre em referência aos mais pobres e mais abandonados que as nossas opções deverão ser tomadas ou de novo apreciadas. Isto exige que estejamos mais atentos às situações do que às terras, como já LIBERMANN o esteve no seu tempo.

Temos de repensar a sua intuição no contexto actual, em que várias mutações nos interpelam. Ainda há situações de abandono e de desamparo; mas os pobres de hoje não são forçosamente os pobres do tempo de Libermann. As Igrejas locais desenvolvem-se; algumas começam a bastar-se. Os pobres, hoje, não serão as Igrejas 'ainda' pobres? A nossa maneira de ajudar e de estar presente deve ter em conta esta evolução.

Não há que abandonar o Terceiro-Mundo; antes pelo contrário! Mas a descris-tianização do Ocidente é cada vez mais preocupante e um pouco por toda a parte há no mundo zonas de primeira evangelização a interpelar-nos. O Capítulo Geral de 1974 orientou claramente a Missão para "todos os continentes" (D.A.,2).

E PARA NÓS, QUAIS POBRES ?

☪ A nossa prioridade permanece a mesma: "Os que ainda não ouviram a mensagem de Cristo ou que mal a ouviram" (D.D., 1 e D.A.,3). Na nossa tradição espiri-

tana, foram sempre os preferidos. Os postos fronteiriços serão sempre o lugar privilegiado dos Espiritanos.

④ Devemos também atender a aspectos novos : a consolidação das jovens Igrejas, na África e na Ásia, o novo rosto da Igreja na América Latina, fizeram evoluir muito a Missão; um longo caminho foi percorrido desde os tempos em que os Institutos viam confiar-se-lhes imensos territórios de primeira evangelização. A Missão cada vez se torna mais uma permuta, dom recíproco, ultrapassagem de fronteiras entre as Igrejas.

④ Estaremos sempre disponíveis para as situações missionárias de urgência, sobretudo para aquelas que não encontram resposta na Igreja. E bem numerosas são estas situações na Igreja missionária de hoje. Os relatórios das nossas circunscrições sublinham, por ex., a pastoral urbana das grandes cidades : ela torna-se, cada vez mais, ministério prioritário.

④ Visto que o desenvolvimento é o novo nome da paz (Paulo VI), devemos hoje nós, testemunhas de Cristo na Missão, prestar uma grande atenção à poderosa corrente de aspiração dos indivíduos e dos povos pela libertação. "A missão de pregar o Evangelho, hoje, exige o compromisso radical para a libertação integral do homem, desde agora, na própria realidade da sua existência no mundo." (Sínodo de 1971, citado por D.A., 4). Isto incumbe-nos a nós, quer "nas missões" quer nos nossos países de origem, e é bem um aspecto do nosso dever missionário.

④ Interpela-nos também o fenómeno das migrações: na Europa e na América vivem numerosos grupos humanos vindos de outras terras. Encontramos à nossa porta, sob o nome de emigrados, estudantes e operários que, tempos antes, tempos antes, estavam no outro extremo do mundo. Este facto novo, com o seu carácter maciço, fez perder ao habitual critério geográfico o seu carácter absoluto e justifica já, por si só, a extensão da ideia de Missão, tal como foi apresentada nos textos do Capítulo Geral de 1974.

É a bem justo título que a Congregação pode reconhecer ainda hoje como entrando no seu fim específico, e, portanto, como obras plenamente espiritanas, novos compromissos junto de novos "mais pobres e mais deserdados". Talvez, por força dos hábitos, nos seja difícil qualificar estas novas obras como "missionárias"; no entanto, elas estão muito exactamente dentro das nossas melhores tradições espiritanas.

"... Na diversidade das nossas obras e dos nossos compromissos, antigos e novos, qual será o elemento de unidade, o traço comum de todas as obras espiritanas? É que todos se sentirão abrangidos, solidários, a tomar parte no conjunto dos compromissos missionários da Congregação e das suas obras junto dos mais pobres. Tal é verdadeiramente o coração da nossa vocação espiritana, mesmo que sejam necessariamente múltiplos os modos de realização. Quaisquer que sejam os nossos compromissos nas Províncias e nos Distritos, este cuidado, esta preocupação, deve estar sempre presente, deve aparecer, de um modo ou de outro, no estilo das nossas comunicações e deve passar para as nossas obras. Será sempre este o traço característico do nosso espírito comum : irradiar à nossa volta o espírito missionário, despertar a consciência das pessoas para a sua responsabilidade para com os pobres e os deserdados, para uma maior justiça; estar atento ao despertar das vocações missionárias..."

(Extracto de uma carta do P:TIMMERMANS, Sup.Geral, aos confrades de uma Província)